# EFEITOS DA DISLEXIA NA APRENDIZAGEM: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

ADRIANO VIGATTO DE SOUZA

RESUMO
Esta pesquisa faz uma abordagem sobre a dislexia, que é um distúrbio de aprendizagem, que afeta crianças em seu aprendizado, principalmente nos anos iniciais, mas que também pode permanecer por toda a vida, causando grande prejuízo ao seu desenvolvimento. O objetivo é levantar informações sobre o distúrbio em sala de aula possibilitando um diagnóstico precoce e aumentando as chances de intervenção bem-sucedida. As escolas têm papel fundamental, pois, quando constituída por profissionais capacitados, informados e atualizados sobre o distúrbio e os transtornos da aprendizagem; melhor é o atendimento e o respectivo desenvolvimento escolar desse aluno. É fundamental que os professores tenham total esclarecimento de formas de intervenções, para o aluno disléxico. Assim como conhecer bem as habilidades necessárias para o desenvolvimento da leitura e da escrita, e também ser esclarecido de todas as atividades relacionadas ao processamento fonológico da linguagem que serão realizadas no contexto escolar.

Palavras-Chave: Distúrbios de Aprendizagem; Leitura; Dislexia.

## Introdução

O presente trabalho aborda o tema da dislexia, principalmente em seus aspectos mais evidentes e de maior incidência nas aprendizagens escolares, qual seja, dificuldades na leitura e escrita. Essas dificuldades, entretanto, não são referentes apenas à leitura e escrita, mas também podendo se expressar em alguma dificuldade com a disciplina matemática, assim como dificuldades relacionais e comportamentais, consideradas desajustadas dos padrões sociais aceitos. Acerca, exclusivamente, das habilidades na leitura e escrita, ambas são aspectos fundamentais no processo de aquisição linguística e indispensáveis ao processo de aprendizagem que conduz ao desenvolvimento global pleno do educando.

Nesta medida, pode-se afirmar que a dislexia é uma disfunção neurológica que atinge partes específicas do cérebro, órgão responsável pela aprendizagem. Ainda não se é possível afirmar com certeza as origens e comprometimentos exatos causados pelo referido distúrbio, mas já se sabe que podem decorrer de fatores neurológicos e hereditários, e em casos específicos, podendo decorrer de fatores ambientais e sociais.

A dislexia do desenvolvimento, também chamada de primária ou específica, é aquela na qual há inabilidade na aquisição completa da competência de leitura de origem constitucional. A dislexia adquirida ou sintomática ocorre quando as habilidades de leitura desenvolvidas são perdidas devido a uma lesão cerebral (Mietto, 2013, on-line)

Com frequência, pode estar a dislexia relacionada ao déficit de atenção e hiperatividade, mas novamente, não podendo se afirmar com certeza que esta seja uma regra, tendo em vista que, por exemplo, crianças hiperativas ou que apresentam quadro de déficit de atenção, não necessariamente são disléxicas. Entretanto, o contrário concernente ao déficit de atenção, em geral, é considerado verdadeiro. Por suas características típicas, como a dificuldade na leitura ou dificuldade na identificação de letras, sílabas e palavras - alunos acometidos por dislexia apresentam dificuldades para desenvolver a competência leitora e a compreensão das palavras escritas -, quase a totalidade dos casos, crianças disléxicas apresentam déficit de atenção, pois não desenvolvem interesse pelo aprendizado, visto que o ensino e seus métodos tradicionalistas não lhe fazem sentido; e com menor incidência, apresentam hiperatividade.

A partir de uma pesquisa bibliográfica prévia, constata-se que existe muito desconhecimento ainda,por parte dos profissionais da educação, sobre a dislexia. Sendo assim, parece-nos adequado estabelecer como lastro, que permeará todo o desenvolvimento da pesquisa, a seguinte pergunta: Como

auxiliar o aluno disléxico no processo de aprendizagem?
Enquanto cenário de desenvolvimento da pesquisa, o posicionamento assumido é o de propor a reformulação do pensamento sobre as condições do aluno disléxico no contexto escolar, principalmente às relações que se estabelecem durante o processo de ensino aprendizagem. Também se considera os significados do distúrbio, suas causas e os possíveis tratamentos.
É necessário conhecer essas dificuldades no processo de aprendizagem da leitura e escrita; refletir sobre o distúrbio; proporcionar conhecimentos que os professores devem ter a respeito da dislexia e ajudar o aluno a se desenvolver no processo da aprendizagem.
Nesta medida, estabelece-se como objetivo geral: investigar como podem se dar as relações de ensino-aprendizagem relacionadas ao educando disléxico e quais são os principais aspectos de dificuldade. Subsidiariamente, como forma de se alcançar o objetivo geral da pesquisa, busca-se identificar as principais características, consensualmente aceitas, da dislexia; descrever características dos alunos disléxicos em sala de aula e qual é o auxílio adequado prestado pelo educador; verificar a importância da equipe multiprofissional e suas respectivas práticas de diagnóstico e intervenção.

## ASPECTOS NEUROLÓGICOS DA DISLEXIA

Como já mencionado na introdução, as principais características da dislexia apresentam-se durante a infância. Especificamente nos primeiros anos desse período, pôde-se constatar atraso no desenvolvimento motor, dificuldade em engatinhar, sentar e andar, além de dificuldades para entender o que está ouvindo, dificuldade na fala e na pronúncia das palavras. Já na pré-escola e na educação infantil, essas dificuldades geralmente estão ligadas a distúrbios neurológicos de aprendizado, e não à inteligência do aluno ou do ensino, manifestando-se principalmente em dificuldades de leitura e escrita.
Pode ser uma condição hereditária com alterações genéticas neurológicas, sendo os seus principais sintomas a dificuldade de escrever, inversão de letras, leitura lenta em que pronuncia uma sílaba por vez, troca de fonemas semelhantes (b/p) ou visualmente parecidos (q/p).
Bossa (2015), segundo o DSM – 5, descreve as características clínicas do transtorno específico de aprendizagem com prejuízo em leitura, Dislexia, da seguinte forma:

DIAGNÓSTICO GERALMENTE AOS 7 ANOS.
Atraso de 2 anos da idade da leitura em relação a idade cronológica.
Em crianças com inteligência superior, pode haver compensação das dificuldades utilizando a memória e o transtorno pode não ser visível até 9 anos.
Maior incidência em meninos - desempenho da leitura muito abaixo do seu QI global (BOSSA, 2015, s/p)

O aluno para ler, precisa ter envolvimento tanto no processo fonológico como integrar a parte visual gráfica da escrita. Caso esse envolvimento não se efetive, caracterizando um dos aspectos mais relevantes da dislexia, influencia-se diretamente a capacidade de soletração, por exemplo, um ato que tem relação muito importante para o adequado aprendizado e desenvolvimento da leitura e escrita. Com a dificuldade de soletração, aparece também a dificuldade de organização das letras, sílabas e palavras.
A partir dessa perspectiva, a definição adotada pela IDA – International Dyslexia Association e também pelo National Institute of Child Health and Human Development – NICHD) é:
A Dislexia do desenvolvimento é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas (IDA, 2002).

Relacionar som aos símbolos e saber o significado de cada palavra é de total relevância para o aprendizado e desenvolvimento global. A partir do exposto até aqui, importante

enfatizarmos que a dislexia não é falta de inteligência, nem tão pouco possui as características necessárias para ser definida como doença.

Um distúrbio não caracteriza uma ausência, mas sim uma perturbação dentro de um processo, qualquer distúrbio implica uma perturbação na "aquisição, utilização e armazenamento de informações ou na habilidade para soluções de problemas". Por conseguinte, os distúrbios de aprendizagem seriam uma perturbação no ato de aprender, isto é, uma modificação dos padrões de aquisição, assimilação, transformação, sejam por vias internas ou externas ao indivíduo (Carvalho; Crenitte; Ciasca, 2007, p. 231).

Ainda, é importante para o bom entendimento a diferenciação que Capellini faz entre distúrbio e outros tipos de dificuldades de aprendizado:

O distúrbio de aprendizado não deve ser considerado sinônimo de dificuldades de aprendizado, pois a dificuldade é um termo mais global e abrangente, e suas causas são relacionadas aos sujeitos que aprende, aos conteúdos pedagógico, aos professores, aos métodos de ensino, ao ambiente social e físico da escola, enquanto o distúrbio se refere a um grupo de dificuldades, mais difíceis de serem identificadas, mais específicas e pontuais, caracterizada pela presença de disfunção neurológica, responsável pelo insucesso na escrita, leitura e cálculos matemáticos (2004, p. 868).

De acordo com Teles (2003, p.08) o funcionamento do cérebro de uma pessoa disléxica apresenta alterações em três áreas distintas: “hemisfério esquerdo, que desempenham funções chave no processo de leitura (...); na região inferior-frontal a área da linguagem oral (...); na região parietal-temporal é a área onde é feita a análise das palavras”.
Desta forma, o transtorno afeta algumas habilidades específicas, mantendo uma certa recorrência, mas não significando uma regra apresentada em todas as crianças disléxicas. O que se pode afirmar é que pessoas disléxicas geralmente apresentam as seguintes características: dificuldade com linguagem e a escrita; dificuldades em ortografia e lentidão no aprendizado da leitura; disgrafia (letra feia); discalculia (dificuldade com matemática, ou seja, memorizar sequências como: meses, tabuadas, etc.); TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade); Memória de curto prazo; dificuldades em seguir indicações; dificuldade em compreender textos escritos; dificuldade com a língua falada; dificuldade para aprender uma segunda língua; percepção espacial deficitária e confusão entre direita e esquerda.
Mantendo-se nessa mesma esteira, podemos apontar algumas características no funcionamento e na fisiologia do cérebro da pessoa disléxica. Nos remetendo a autores dedicados aos estudos específicos neurológicos da dislexia, Fawcett e Nicolson (2007), seguindo nessa linha argumentativa, apontam que o cérebro das pessoas com dislexia, apresentam sutis diferenças daqueles de pessoas consideradas normais. A níveis celular, constatou-se que os neurônios dessas pessoas se organizam de maneira atípica, processando as informações através de caminhos únicos e não interdependentes. Esse tipo de organização também é encontrada em pessoas que não tem dislexia, contudo, na pessoa disléxica, essa organização apresenta-se variando muito. Importante ressaltarmos que esse tipo de organização dos neurônios, até o momento, não tem nenhuma interferência ou ligação com o Quociente de Inteligência, apenas interferindo em algumas conexões, como por exemplos, aquelas responsáveis pela comunicação. Falando ainda da estrutura cerebral, percebeu-se também algumas diferenciações anatômicas, referente a organização e definição de esquemas de áreas e regiões cerebrais (Sherman; Cohen 2007).
Os cérebreos de pessoas com dislexia do desenvolvimento são sutilmente diferentes. Exames microscópicos realizados em autópsias cerebrais durante duas décadas de pesquisa revelam diferenças estruturais a nível celular (envolvendo o neurônio, unidade funcional fundamental do cérebro); a nível de conexões (interferindo com neurônios, redes neurais e regiões cerebrais de

conexão e comunicação); e, a nível anatômico mais amplo (relacionado a organização e definição de esquemas de áreas e regiões cerebrais). O resultado é um cérebro organizado de maneira atípica, processando a informação através de caminhos únicos e não interdependentes. Essa organização única é independente é independente da inteligência, encontrada variando grandemente na dislexia, assim como acontece com a população em geral (Sherman; Cohen, 2007, p. 7).

Em outros estudos, apresentados por Temple (2002), a partir de neuroimagens, foi possível identificar diversas alterações funcionais no cérebro da pessoa disléxica. A primeira delas, definidas pela terminologia técnica de alterações têmporo-parientais, manifesta-se principalmente em tarefas de processamento fonológico. Já alterações na região central do hemisfério esquerdo, são mais comuns em exercícios nos quais se é necessário responder a tarefas de processamento auditivo rápido. Finalmente, identificou-se alterações na substância branca, que conecta a região têmporo-parietal com diversas regiões corticais. Quando se direcionava a atenção dos estudos à ativação cerebral, foi possível notar que pessoas normais ao lerem pseudo palavras, atividades mais intensas ocorriam na região frontal inferior esquerda e também na região parieto temporal, referente aos giros angulares supramarginal. Ainda, muita atividade foi observada na porção posterior de giro temporal superior, assim como em regiões occipitotemporais, envolvendo porções mesiais e inferiores do giro temporal e giro occipital. Então, ao se repetir exatamente os mesmo procedimentos em pessoas disléxicas, percebia-se atividades consideráveis no giro frontal inferior, mas a atividade em regiões posteriores eram consideravelmente menores em relação às outras áreas aqui mencionada. Isso significa o processamento da leitura e escrita se dá em um nível totalmente diverso daqueles que acontecem com pessoas sem dislexia (Vallet, 1986).

Escolarização e aprendizagens no contexto da dislexia

Nas ciências humanas, de forma geral, a dislexia está associada a fatores sociais, como o modelo de instrução ao qual a criança está submetida e o contexto no qual está inserida; também, a singularidade e subjetividade do sujeito deve ser considerada. A confluencia desses fatores estabelece um ambiente hostil ao sujeito, fazendo com que a criança acometida por esse transtorno tenha dificuldades em acompanhar as outras crianças consideradas normais. São nas escolas que a dislexia é frequentemente identificada, pois é um momento de intensas atividades sociais, emocionais e cognitivas, propício para tal, e é importante destacar que nem todos os professores estão preparados ou formados adequadamente para identificar esta dificuldade de aprendizagem na criança.

Azcoaga citado por Díaz (2001) afirma que:

Nos casos diagnosticados como TEA, seja Dislexia, Disgrafia ou Discalculia, o Plano Psicopedagógico que contemple a ação terapêutica deve utilizar atividades de reconhecimento, compreensão e expressão (na leitura, na escrita e no cálculo) e sempre que seja possível e em dependência do déficit e domínio da leitura-escrita e do cálculo que tenha o menor, deverá combinar-se a leitura com a escrita tanto de textos literários como matemáticos (de números e suas relações), pois os números também se lêem e escrevem e há que compreendê-los nas suas unidades e relações. (Azcoaga, apud Diaz 2011, p.341)

A Lei 9.394/96 LDB (Lei de Diretrizes e Bases) assegura princípios de uma educação de qualidade, que possibilite oportunidade a todos brasileiros. No artigo 5 trata de aspectos referentes a Educação Especial. Na mesma esteira, a Associação Brasileira de Dislexia - ABD, ampara a pessoa disléxica pautando-se nessa legislação específica.

Já a LDB 9.394/96, em seu Art. 12, estabelece que: Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: I - Elaborar e executar sua Proposta Pedagógica. V - Prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento. Em seu Art. 23 - A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos,

alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar. Art. 24 - V, a) avaliação contínua e cumulativa; prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período.

Antes mesmo da legislação específica sobre a educação, a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (ECA) apresentava algumas medidas de garantias e proteção às crianças e adolescentes que demandassem tais garantias: Art. 53, incisos I, II e III "à criança e ao adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-lhes: I – Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II – Direito de ser respeitado pelos seus educadores; III – direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores".

O disléxico além de apresentar falta de motivação para executar atividades pedagógicas, se sentem incapazes de realizar essas tarefas; e isso as torna desinteressadas e descomprometidas. Também são vistos como preguiçosos quando na verdade não são. Na maioria das vezes fazem um grande esforço, mas não conseguem se desenvolver com êxito. Existe uma cobrança muito grande por parte de professores despreparados, que apenas exigem e cobram das crianças os conteúdos de seus métodos de aprendizagem, não condizentes com as necessidades dessas crianças.

É fundamental que os professores façam uma abordagem pedagógica favorável, para que se possa realmente identificar se existem crianças com essa carência. Toda criança no início da alfabetização pode trocar letra, ler com dificuldade, porque ainda está aprendendo, só após dois anos de alfabetizada é que poderá ver o grau de dificuldade e encaminhar aos especialistas

Capovilla et al (2004, p. 61) aponta alguns indicadores para intervenção com indivíduos que apresentam Dislexia:

A criança disléxica deve sentar-se próxima aos professores, de modo que o docente possa observá-la e encorajá-la a solicitar ajuda;

Cada ponto do ensino deve ser revisto várias vezes. Mesmo que a criança esteja atenta à explicação, isso não garante que ela lembrará o que foi dito no dia seguinte;

Professores e pais devem evitar sugerir que a criança é lenta, preguiçosa ou pouco inteligente, bem como evitar comparar o seu trabalho escrito aos de seus colegas;

A parceria de família e escola são fundamentais. A escola pode auxiliá-los a motivar seus filhos através de jogos, brincadeiras e leituras, que ajudara na consciência pedagógica. "... uma coisa é a criança que não quer aprender a ler, outra é a criança que não pode aprender a ler com os métodos pedagógicos tradicionais. Não podemos assumir atitudes reducionistas, que afirmem que a dislexia não existe." (Fonseca, 1995, p. 12).

O professor deve ter um olhar maleável ao aluno com dificuldade; compreender e buscar diagnóstico especializado, que com a devida orientação, consegue mostrar ao aluno que seu dia-a-dia pode ser melhorado. Além de se aparelhar, ainda existem professores que lecionam, mas são totalmente leigos acerca do tema dislexia. Alguns taxam os alunos disléxicos como preguiçosos, e isso não é verdade, afinal, eles se esforçam, mas não conseguem obter êxito. Conforme afirma Guerra (2002, pag.15): "O professor em sala de aula precisa respeitar, e acolher o disléxico fazendo um trabalho paciente e constante, mesmo sendo mais longo, é de grande valia para o desenvolvimento do aluno disléxico".

Segundo Acampora (2015, p.19):

O psicopedagogo é o profissional preparado para atender crianças, adolescentes ou adultos com problemas de aprendizagem, atuando na sua prevenção, diagnóstico e tratamento clínico ou institucional, além disso, o psicopedagogo, resgata no indivíduo o prazer em aprender que muitas vezes pode estar diminuído em razão dos fracassos no processo de aprendizagem.

Também é necessário que direcione o alu-

no para uma Equipe Multiprofissional, e em conjunto com a família colaborar no tratamento. Afinal quando o professor está envolvido e familiarizado, assim irá apoiar e compreender esse aluno em sala de aula, promovendo qualidade na educação e o desenvolvimento no âmbito escolar não só do aluno disléxico, más também do professor.

De maneira geral, o pedagogo após perceber o transtorno, encaminha para um psicopedagogo que obtendo um diagnóstico satisfatório, em muitos casos se faz necessário a intervenção de um fonoaudiólogo e seus conhecimentos a linguagem e aos distúrbios da linguagem. A dislexia se relaciona com todos estes campos de conhecimento, por isso a necessidade dessa complexidade na constituição da equipe.

Esse diagnóstico deve realizar procedimentos que demonstrem o grau de todas as eventuais dificuldades, assim como suas capacidades e potenciais. Quando é feito um trabalho em conjunto entre especialistas das diferentes áreas, juntamente com o comprometimento da família, as crianças podem superar essas dificuldades sem maiores prejuízos. Sem se esquecer da grande e fundamental importância do contexto familiar, escolar e social, que são responsáveis no processo do ensino-aprendizagem. Tudo deve ser feito de forma que o aluno disléxico se sinta acolhido e assim possibilitando que se alcance o desenvolvimento emocional, cognitivo e psicológico.

O diagnóstico correto é muito importante para a criança, porque assim poderá ser direcionada às técnicas adequadas. A equipe multidisciplinar é formada por psicólogos, fonoaudiólogos, psicopedagogos que sendo necessário um neurologista. Além desses profissionais contam com oftalmologista, otorrinolaringologista, geneticista, pediatria, etc. Isso é fundamental para que se descubra qual a área que possa ter um comprometimento no processo da aprendizagem.

Díaz (2011) relata:

Lembremos que o conhecimento fonológico é a compreensão do código alfabético, ou seja, a função de cada letra na composição fonética de sílabas, palavras e frases, a partir dos grafemas. Dito em outras palavras: é saber o que quer dizer cada palavra lida no contexto escrito. Existem recursos diferentes para alcançar o conhecimento fonológico por parte destas crianças, porém o fator unificador desta variedade é que todos eles implicam uma análise da estrutura fonética: O que é? Para que serve? Como está composta?... Estabelecendo, assim, uma relação de tipo aplicativa com a realidade conhecida pelo aluno, com seu contexto mais íntimo para estabelecer o nexo significativo correspondente e estimular no aluno a motivação por ler. Paralelamente a esta compreensão fonológica, deve-se estimular e treinar as habilidades motoras e visuais quanto a reconhecimento, velocidade e mobilidade (treino de convergência visual, exercícios de movimentos oculares, indução de leitura periférica etc.) (Diaz, 2011, p. 342).

Todos esses profissionais em conjunto trocam as informações sobre a criança sem deixar de lado o desenvolvimento dela, histórico familiar, desempenho escolar, o repertório adquirido e os métodos de ensino. Escola e pais são importantes, afinal suas fontes de informação que define o quadro, e assim o encaminhamento adequado, que devem estar esclarecidos assim como o aluno disléxico. Pode-se dizer que, em alguma medida, essa complementariedade entre as partes envolvidas seja o fator mais importante no cuidado da dislexia.

Acampora (2015) descreve os procedimentos que devem ser tomados na avaliação psicopedagógica, que incluem: a entrevista contratual (com pais ou responsáveis), análise do material que o indivíduo utiliza na escola, aplicação de diferentes modalidades de atividades e uso de testes para avaliação do desenvolvimento, áreas de competência e dificuldades apresentadas, anamnese, visita à instituição de ensino (se for necessário) e devolução.

O diagnóstico da Dislexia é feito por exclusão, ou seja, antes de se chegar à conclusão de que o indivíduo tem Dislexia é preciso se eliminar as hipóteses de deficiências mentais, problemas de ordem psicológicas, emocionais e socioeconômicos, déficit de atenção, problemas de escolarização que possam dificultar no processo de aprendiza-

gem.
Para diagnosticar a dislexia, deve ser excluída a presença de alguns outros distúrbios e, principalmente problemas orgânicos de natureza funcional" (Mietto, 2013). Toda esta avaliação é realizada geralmente por uma equipe multidisciplinar (fonoaudiólogos, psicólogos, psicopedagogos, neurologistas, médicos).
Já sobre as medidas a serem tomadas, a intervenção psicopedagógica deve ser devidamente planejada. Em cada caso, deverá se utilizar metodologia, recursos e estratégias próprias para cada indivíduo. Entendi também, por meio da leitura dos textos estudados, que o psicopedagogo deverá promover meios para auxiliar a aprendizagem do indivíduo, ajudar para que ele desenvolva habilidades para que o processo de aprendizagem se desenvolva de maneira eficiente e eficaz. Para que os efeitos negativos da Dislexia sejam minimizados é importante que se faça a rápida identificação e que se intervenha adequadamente. Para que isso ocorra, é preciso que se conheça o transtorno e suas diversidades, como também, se saiba fazer a intervenção necessária para a dificuldade apresentada pelo aprendente.
Em concordância com os autores acima, pode-se compreender que o indivíduo disléxico não consegue fazer a associação do símbolo gráficos e das letras com o som que eles representam, caracterizando um distúrbio na capacidade de correlação da leitura e escrita com os aspectos fonológicos. Desta forma, o trabalho com a consciência fonológica e atividades para se desenvolver a habilidade de leitura são importantes, pois o ajudam a aprender melhor de maneira concreta, visto que o indivíduo se apoia no concreto para aprender. Díaz (2011) relata:

Lembremos que o conhecimento fonológico é a compreensão do código alfabético, ou seja, a função de cada letra na composição fonética de sílabas, palavras e frases, a partir dos grafemas. Dito em outras palavras: é saber o que quer dizer cada palavra lida no contexto escrito. Existem recursos diferentes para alcançar o conhecimento fonológico por parte destas crianças, porém o fator unificador desta variedade é que todos eles implicam uma análise da estrutura fonética: O que é? Para que serve? Como está composta?... Estabelecendo, assim, uma relação de tipo aplicativa com a realidade conhecida pelo aluno, com seu contexto mais íntimo para estabelecer o nexo significativo correspondente e estimular no aluno a motivação por ler. Paralelamente a esta compreensão fonológica, deve-se estimular e treinar as habilidades motoras e visuais quanto a reconhecimento, velocidade e mobilidade (treino de convergência visual, exercícios de movimentos oculares, indução de leitura periférica etc.) (Diaz, 2011, p. 342).

Segundo Capovilla et al (2004), deve-se evitar expor a criança pedindo que ela leia em voz alta para a classe. Esta criança deve ser avaliada oralmente; habilidades com o dicionário, por exemplo, devem ser ensinadas com calma, as regras de escrita devem ser ensinadas em semanas diferentes para facilitar a aprendizagem da criança; deve-se estimular a memorização; o material escrito deve ser apresentado cuidadosamente e de maneira clara, o ambiente deve ser calmo e sem distrações. Diante de todo esse contexto de dificuldades, é preciso priorizar a escrita cursiva por favorecer a agilidade e a memorização da ortografia das palavras, assim como deve-se fomentar a autoestima das crianças e demais habilidades em outras áreas.
Destarte, deve-se compreender que a intenção do profissional psicopedagogo deve ser a de promover no indivíduo disléxico maneiras para que suas habilidades de leitura sejam desenvolvidas ao mais próximo possível da normalidade, para tanto, é necessário a prática de atividades de leitura, e estímulos concretos. Enquanto estudante de Pedagogia e Psicopedagogia, entendi que devemos estimular o aluno para que este desenvolva suas habilidades de leitor, como também devemos pensar em ações e atividades diversificadas que atendam e estimulem este aluno a querer aprender e se desenvolver mais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa realizada podemos afirmar que a dislexia é um distúrbio de aprendiza-

gem que pode ser genético ou neurológico, ou ainda social e ambiental. Assim como suas manifestações, consequências, tratamento e intervenção também estão correlacionados a essa confluência de fatores. Percebe-se o quanto é necessário um aprofundamento maior principalmente por parte dos profissionais, tanto da área da saúde como também da educação

O disléxico não pode ser visto como um incompetente ao fazer as tarefas; a dislexia pode ser tratada, mesmo sabendo que ainda não existe uma cura, e sim tratamentos que facilitem as consequências do problema. Isso é necessário para que os impactos comportamentais e emocionais na criança disléxica sejam evitados, cabe a estes profissionais buscar através de pesquisas sobre estes distúrbios que dificultam a aprendizagem, não esquecendo que a criança é um ser completo, e deve ser tratado em toda sua totalidade. Sendo notório que a escola exerce um papel fundamental na vida do educando disléxico, pois quando estão interligados com a comunidade, família, estudante e professor as relações se tornam significativas e se alcança uma abordagem respeitosa e efetiva.

REFERÊNCIAS


ACAMPORA, Bianca. Psicopedagogia clínica: o despertar das potencialidades. 3 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

ALMEIDA, Mariana S. Rodrigues. Dislexia In: E-aprender. 2002. Disponível em: http://eaprender.ig.com.br/ensinar.asp?RegSel=115&Pagina=1#materia.

ANDRADE, Marcia Siqueira de. Psicopedagogia Clinica: Manual de Aplicação Prática para Diagnóstico de Distúrbios de Aprendizado. São Paulo: Póluss Editorial,1998.

ARAÚJO, G. M. L de; LUNA, M. J. de M (Orgs). Formação em Língua Portuguesa - novas experiências. Recife, Ed. Universitária UFPE, 2005.

BALLONE, G. J. Linguagem In. PsiqWeb Psiquiatria Geral. 2001. Disponível em: http://www.psiqweb.med.br/cursos/linguag.html.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. O papel da psicopedagogia na inclusão de pessoas com dificuldade de aprendizagem. Clínica de Psicologia e Psicopedagogia

BODER, E. Developmental Dyslexia: a diagnostic approach based on three athypical reading-spelling patternrns. Dev Med Child Neurol. 1973; 15 (5):663-87.

BOSSA, Nádia. Transtorno Específico de Aprendizagem: critérios diagnósticos e possibilidades de intervenção. Palestra proferida no Congresso On line Psicopedagogia. com. São Paulo, 27 de julho de 2015. 22 slides color. Disponível em: < http://www.nadiabossa.com.br/pdf/palestras/P-05-Congresso%20Psicopedagogia%20ONLINE--20150720-V01.pdf>.

BRUCK, Margie. Word-recognition and Spelling of Dislexic Children. Reading Research Quarterly, n.1, v. 23, p.51-69, 1990.

CAPOVILLA, Fernando César et al. Neuropsicologia e aprendizagem: uma abordagem multidisciplinar. São Paulo: Memnon, 2004.

COLLARES, C. A. L, e MOYSÉS, M. A. A. A História não Contada dos Distúrbios de Aprendizagem. Cadernos CEDES, nº 28, Campinas: Papirus, p. 31-48, 1992.

CONDEMARIN, Mabel; MARLYS, Blomquist. Dislexia: Manual de leitura corretiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986. DÍAZ, Félix. O processo de aprendizagem e seus transtornos / Félix Díaz. - Salvador: EDUFBA, 2011.

FARRELL, Michael. Dislexia e Outras Dificuldades de Aprendizagem Específicas. Artmed, 2008.

FERNÁNDEZ, Alicia. Os idiomas do aprendente. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001

FERREIRA, Lúcia Gracia. O Diagnóstico e o tratamento dos problemas de aprendizagem em questão. Revista de Psicologia, Fortaleza, v. 1 n. 1, p. 149-151, jan. /jun.201 0. Disponível em:< http://www.periodicos.ufc.br/index.php/psicologiaufc/article/view/54/53>.

FONSECA, Vitor da. Introdução às Dificuldades de Aprendizagem. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

HOUT, Anne Van e ESTIENNE, Françoise. Dislexias: descrição, avaliação, explicação , tratamento. 2ª ed, Porto Alegre: Artmed, 2001.

MASSI, Gisele. A Dislexia em Questão, São Paulo, Lexus, 2007.

MIETTO, Vera Lúcia de Siqueira. Dificuldade de aprendizagem - DEA. [s/d]. Curso: PósGraduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional (Unidade III, Módulo 1). FHO|UNIARA-

RAS. PAÍN, Sara. Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. PENNIGTON, Bruce F. Diagnóstico de Distúrbio de Aprendizagem. São Paulo, Ed. Pioneira Thompson Learning, 1997.
ROTTA, Newra Tellechea; Autor 1 OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos (Org.). Transtornos de Aprendizagem: Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar. 2ª. ed. Brasil: Artmed, 2015. 512 p.
RUIZ, João Álvaro. Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

SAMPAIO, Simaia. Diagnóstico psicopedagógico: o desafio de montar um quebra-cabeças. Dezembro de 2013. Disponível em < http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/em-brancocq24>
SILVA, Daniel Vieira da. Educação Psicomotora. Curitiba: IESDE Brasil S. A., 2009.
SMITH, Corinne. Dificuldades de aprendizagem de A a Z: um guia completo para pais e educadores [recurso eletrônico] / Corinne Smith, Lisa Strick; tradução Dayse Batista. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2007
TELES, Paula. Dislexia: como identificar? Como intervir?. Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar, [S.l.], v. 20, n. 6, p. 713-30, nov. 2004. ISSN 2182-5173. Disponível em: <http://www.rpmgf.pt/ojs/index.php/rpmgf/article/view/10097/9834>..
TOPCZEWSKI, Abram. Aprendizado e suas Desabilidades - como lidar?, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2000.
VIEIRA, Andréia. O QUE É ISSO DE QUE TODA A GENTE FALA: A DISLEXIA?. Disponível em: <http://www.neuroav.info/artigos/2016-10.html>. Acesso em: 01 abr. 2017.